

Herta Müller

∞

JÁ ENTÃO A RAPOSA
ERA O CAÇADOR

Romance

Traduzido do alemão por
Aires Graça



O caminho do bicho da maçã	11
O homem dentro da mão	24
O caracol da testa	28
Uma pessoa tão boa como um pedaço de pão	46
Uma gravata	60
Entranhas de verão	64
Dias das melancias, dias das abóboras	68
A gata e o anão	75
Nozes	90
Um outro silêncio	100
Inflamação do tímpano	109
O homem mais pequeno tem a bengala maior	116
O talo de erva na boca	120
Rosto sem rosto	123
A lâmina da barba	133
As raposas caem na armadilha	136
Tu não dizes nada	143
A minha cabeça está às escuras	151
A raposa em cima da mesa	161
O beija-mão	166
A pá perdida	171
Quando está frio, não posso olhar para dentro de água	175
Outrora e não agora	178

O sinal de nascença	185
O jogo das vespas	191
A cidade que se esvazia	199
O bacio	207
As unhas crescem	213
Sono transparente	219
Céu a preto e branco	222
Framboesas enregeladas	228
A estranha	234
Não faz mal	238



O CAMINHO DO BICHO DA MAÇÃ

A formiga carrega uma mosca morta. A formiga não vê o caminho, dá uma volta à mosca e rasteja às arrecuas. A mosca é três vezes maior que a formiga. Adina encolhe o cotovelo, não quer barrar o caminho à mosca. Perto do joelho de Adina cintila um grumo de alcatrão que ferve ao sol. Ela toca-lhe com a ponta do dedo, há um fiozinho de pez que segue atrás da mão, solidifica no ar e quebra.

A formiga tem uma cabeça de alfinete, o sol não encontra nela espaço para arder. E pica. A formiga engana-se no caminho. Rasteja, mas não vive, a olho nu não é um animal. Também as vagens do ervedo rastejam como ela na periferia da cidade. A mosca vive porque é três vezes maior e a carregam às costas, a olho nu é um animal.

Clara não vê a mosca, o sol é uma abóbora incandescente e cega os olhos. As coxas de Clara estão muito afastadas, as mãos pousadas entre os joelhos. Onde as calcinhas cortam as coxas irrompe cabelo do púbis. Abaixo do cabelo do púbis jazem uma tesoura, um carrinho de linha branca, uns óculos de sol e um dedal. Clara cose para si uma blusa de verão. A agulha mergulha, a linha avança a passo, truta da tua mãe, fresquinha no gelo, diz Clara, lambe o sangue do dedo. Uma praga contra a truta, contra a mãe

da agulha, do fio, da linha. Quando Clara pragueja, todas as coisas têm mãe.

A mãe da agulha é o ponto que sangra. A mãe da agulha é a agulha mais velha do mundo, a que pariu todas as agulhas. Ela busca para todas as suas agulhas, em cada mão que cose no mundo, um dedo que possam picar. Na praga o mundo é pequeno, pendem sobre ele um grumo de agulha e um grumo de sangue. E na praga, a mãe da linha espia o mundo emboscada com seus enredados fios.

Um calor destes e tu a praguejar contra a truta no gelo, diz Adina, e os malares de Clara remoem, a língua dá estalidos na boca. Quando pragueja, Clara tem sempre rugas na cara, porque na praga lançada cada palavra é uma bala, que pode acertar nas coisas com as palavras nos lábios. Também na mãe das coisas.

Adina e Clara estão deitadas numa manta. Adina está nua, Clara só tem as calcinhas do fato de banho.

As pragas são frias. As pragas não precisam de dalias, de pão, de maçãs, de verão. Não são de cheirar nem são de comer. Só de fazer pé de vento e deitar ao comprido são as pragas, de curto esbravejar e longo quietar-se. Fazem descer aos pulsos o latejar das têmporas e subir aos ouvidos o palpitar surdo do coração. As pragas escalam-se e estrangulam-se.

Quando as pragas se quebram, então nunca existiram.

A manta está estendida no telhado raso do prédio, à volta do telhado erguem-se choupos. São mais altos do que todos os telhados da cidade, estão drapeados de verde, não ostentam folhas isoladas, só folhagem. Não rumorejam, sussurram. A folhagem ergue-se a prumo como os ramos, cobrindo os choupos. Não se vê

a madeira. E onde mais nada chega, os choupos retalham o ar escaldante. Os choupos são facas verdes.

Quando Adina fica tempo de mais a olhar os choupos, estes rodopiam as facas de um lado para o outro dentro da sua garganta. A garganta fica com vertigens. E a testa pressente que nenhuma tarde consegue segurar um único choupo tanto tempo, quanto a luz demora a desaparecer no crepúsculo por trás da fábrica. O crepúsculo teria de apressar-se. A noite conseguiria segurar os choupos, porque já não se veem.

O bater dos tapetes rompe o dia entre os prédios, faz eco lá em cima sobre o telhado e lança umas contra as outras as pancadas, como as pragas de Clara lançam as palavras.

Elevar aos ouvidos o palpitar surdo do coração, isso o bater dos tapetes não consegue.

Depois de praguejar, Clara está cansada e o céu tão vazio que ela fecha os olhos encandeada pela luz, e Adina arregala os seus e fica muito tempo de mais a olhar para o alto, fitando o vazio. Lá em cima de tudo, onde nem as facas verdes conseguem chegar, estende-se um fio de ar escaldante que se mete pelos olhos. Nele está suspenso o peso da cidade.

De manhã, na escola, uma criança disse a Adina: hoje o céu está tão diferente. Uma criança que, entre as outras crianças, está sempre muito calada. Os olhos muito afastados fazem-lhe as têmporas estreitas. Hoje de manhã a minha mãe acordou-me às quatro, disse a criança, deu-me a chave porque tinha de ir para a estação. Quando saiu, fui com ela até ao portal. Quando atravessava o pátio com ela,

senti no meu ombro que o céu estava muito próximo. Podia ter-me encostado nele, mas não quis assustar a minha mãe. Quando voltei a atravessar o pátio sozinho, as pedras eram transparentes. Eu ia apressado. À entrada, a porta estava diferente, a madeira estava vazia. Ainda podia ter dormido mais três horas, disse a criança, mas não consegui adormecer. De repente acordei estremunhado, mesmo sem ter dormido. Com certeza até dormi, porque os olhos repuxavam. Tinha sonhado que estava estendido ao sol, perto de água, e tinha uma bolha na barriga. Eu puxava pela pele da bolha e não doía. Porque debaixo da pele havia pedra. O vento soprava e levantava a água pelo ar, era só um pano com dobras, não era água. Por baixo não havia pedras, debaixo do pano havia carne.

A criança invadiu com seu riso a última frase e o silêncio que se lhe seguiu. E os seus dentes pareciam gravilha, metade deles enegrecidos e os outros lisos e brancos. No rosto da criança lia-se uma idade que a voz de criança não suportava. O rosto cheirava a fruta estragada.

Era o cheiro das mulheres velhas, que espalham camadas de pó de arroz até o pó ficar tão ressequido como a pele. Mulheres que tremem com as mãos diante do espelho, esbarram com o batom nos dentes e, pouco depois, ficam a observar os dedos por baixo do espelho. As unhas estão escovadas e têm uma meia-lua branca.

Quando a criança estava no recreio da escola, entre as outras crianças, a mancha na sua bochecha era a garra da solidão. E alastrava, porque uma luz oblíqua caía sobre os choupos.

Clara adormeceu, transporta-se no sono para muito longe e, dormindo ao sol, deixa Adina sozinha. No bater dos tapetes, o

verão desintegra-se em cascas verdes. No sussurrar dos choupos, as cascas verdes são todos os verões que ficaram pelo caminho. Todos aqueles anos em que se foi criança, ainda a crescer e, contudo, a sentir que cada dia despenca à noite pela borda fora. Dias de criança, o cabelo cortado a régua e esquadro, a lama seca do subúrbio, a poeira atrás do carro elétrico e, no passeio, os passos dos homens grandes, cadavéricos, que foram ganhar dinheiro para o pão.

O subúrbio estava preso à cidade por canos e arames e por uma ponte sem rio. Em ambas as extremidades o subúrbio era aberto, assim como as paredes, os caminhos, as árvores. Numa das extremidades rumorejavam os elétricos da cidade e as fábricas sopravam fumo por cima da ponte sem rio. O rumorejar do elétrico em baixo e o fumo em cima eram por vezes a mesma coisa. O campo devorava a outra extremidade do subúrbio, projetando-se com as folhas de beterraba até muito longe. Por trás, reluziam paredes brancas, eram do tamanho da mão. Havia lá uma aldeia. Entre a aldeia e a ponte sem rio estavam ovelhas dependuradas. Não comiam folhas de beterraba, a erva crescia nos caminhos do campo e elas comiam o caminho antes de o verão terminar. Depois estavam já diante da cidade e lambiam as paredes da fábrica.

A fábrica situava-se atrás e à frente da ponte sem rio. Era grande. Por trás das paredes gritavam vacas e porcos. À noitinha queimavam-se cornos e cascos, um ar pestilento subia em direção ao subúrbio. A fábrica era um matadouro.

De manhã, quando ainda estava escuro, os galos cantavam. Atravessavam os pátios cinzentos como os homens esmagriçados que caminhavam pela rua. O aspeto era o mesmo.

Depois da última paragem, os homens continuavam a pé por cima da ponte. O céu pendia baixo sobre a ponte e, quando estava

vermelho, os homens traziam uma crista vermelha no cabelo. O barbeiro do subúrbio, quando cortava o cabelo ao pai de Adina, dizia que não há nada mais bonito do que uma crista de galo para os heróis do trabalho.

Adina fizera perguntas ao barbeiro sobre a crista vermelha, porque ele conhecia cada couro cabeludo e cada redemoinho. Ele disse que os redemoinhos são para o cabelo o que as asas são para os galos. Por isso, Adina sabia que cada um daqueles homens esmagriçados, em todos estes anos de caminho, iria um dia voar por cima da ponte. Mas ninguém sabia quando.

Porque os galos voavam por cima das cercas e, antes de voar, no interior dos pátios, bebiam água das latas de conserva vazias. Dormiam à noite em caixas de sapatos. Quando as árvores arrefeciam de madrugada, eram os gatos que se esgueiravam para dentro das caixas.

A paragem terminal ficava no subúrbio, setenta passos à frente da ponte sem rio. Adina contara os passos, porque a última paragem de um lado da estrada era a primeira a começar do outro lado. Os homens desciam lentos na última paragem e as mulheres subiam apressadas na primeira. E antes de entrarem, as mulheres corriam. De manhã cedo, traziam cabelo acaçapado, sacas voadoras e seguravam manchas de suor debaixo dos braços. Estavam muitas vezes secas e tinham um rebordo branco. Nos dedos das mulheres, o óleo das máquinas e a ferrugem corroíam o verniz das unhas. Na correria para o elétrico, elas já traziam estampado entre o queixo e os olhos o cansaço da fábrica.

Quando rumorejaram os primeiros elétricos, Adina acordou e arrepiou-se de frio no seu vestido de verão. O vestido tinha um padrão com árvores. As copas das árvores estavam invertidas. Ao coser, a costureira pusera o tecido de cabeça para baixo.

A costureira vivia em dois quartos pequenos, o soalho era grosseiro, as paredes eram húmidas e tinham barrigas por todo o lado.

As janelas davam para o pátio interior. Dentro de uma janela estava encostada uma placa de alumínio com os dizeres COOPERATIVA O PROGRESSO.

A costureira chamava aos quartos ATELIÊ. Havia tecidos por cima da mesa, da cama, das cadeiras, das arcas. Havia restos de tecido pelo soalho e pela soleira das portas. Cada tecido tinha preso um bilhete com um nome. Atrás da cama, num caixote de madeira, estava um saco com restos de tecido. E sobre o caixote de madeira estava escrito RESTOS INUTILIZÁVEIS.

A costureira procurava as medidas das pessoas num caderninho. As que vinham há alguns anos eram os clientes habituais. As que vinham raramente, por acaso ou só uma vez eram os clientes ocasionais. Se os clientes habituais traziam o tecido, a costureira não voltava a assentar as suas medidas. Só as medidas de uma mulher que estivesse tão cadavérica como os homens e fosse todos os dias para o matadouro a costureira assentava de todas as vezes. Segurava a fita métrica na boca e dizia: devias ir ao veterinário, se queres um vestido. Se continuas a emagrecer cada verão que passa, em breve o meu caderno fica cheio com os teus ossos.

Várias vezes por ano, a mulher trazia um caderno novo à costureira. Na capa estava escrito CADERNO DE BRIGADA e no cima das colunas PESO VIVO e PESO CARÇAÇA.

Adina estava proibida de ir descalça ao ateliê, havia alfinetes pelo chão entre os restos de tecido. Só a costureira sabia como pôr os pés sem se picar. Uma vez por semana, ia de gatas pelos quartos com um íman e os alfinetes saltavam-lhe todos do soalho para a mão.

Na prova do vestido, a mãe de Adina dissera à costureira: as árvores estão de cabeça para baixo, não estás a ver, rodaste o tecido ao contrário. A costureira ainda podia ter invertido a posição do pano, que só estava cosido com alinhavo branco. Ela segurou dois alfinetes na boca, atrás e à frente é que é importante, disse ela, e

que o fecho-ecler fique do lado esquerdo. Quando vejo daqui, a parte de baixo fica para cima. Inclinou o rosto até ao chão, é assim que as galinhas olham a coisa, disse ela. E os anões, disse Adina. A mãe olhou pela janela que dava para o pátio interior.

Na fachada havia uma montra com cruces, tubos de fogão de sala e regadores de zinco. Estavam encostados a jornais velhos e tinham à frente, sobre uma cobertura bordada, uma placa de alumínio com os dizeres COOPERATIVA O PROGRESSO.

Quando o elétrico passava, as cruces, os tubos de fogão de sala e os regadores tremiam. E não caíam.

Por trás da montra havia uma mesa com tesouras, alicates e parafusos, por trás da mesa estava sentado um homem. Era latoeiro. Tinha um avental de couro. Trazia a aliança pendurada ao pescoço por um fio, porque lhe faltavam os anelares das duas mãos.

Também ele tinha clientes habituais e clientes ocasionais. Os clientes habituais diziam que a primeira mulher dele já morrera há muito e que ele não encontrara uma segunda porque trazia a aliança pendurada ao pescoço por um fio. O barbeiro dizia que o latoeiro nunca tivera mulher, que estivera quatro vezes noivo com aquele anel, mas casado nunca. Quando a montra ficava cheia de cruces, tubos de fogão e regadores, o latoeiro soldava painéis velhas.

Quando o elétrico passava em frente da montra, os rostos apareciam fora das carruagens no meio das cruces e dos tubos de fogão. Sobre os regadores, os rostos eram ondeados do andamento e do espelhado de zinco. Depois de o elétrico passar, ficava nos regadores somente um brilho de neve pisada.

Adina usou o vestido com as árvores a cair durante diversos verões. Ela crescia e a cada verão que passava o vestido ficava mais curto. E em todos esses verões as copas das árvores penderam de cabeça para baixo e permaneceram pesadas. Na orla do passeio, debaixo das árvores que cresciam para cima, a menina dos subúrbios

tinha um rosto tímido. A sombra das árvores nunca lhe cobria todo o rosto. A face na sombra permanecia fresca e a face ao sol ficava escaldante e macia. Na face fresca, Adina sentia um fecho-ecler.

Depois de uma chuva de verão que não refrescara as pedras, cordões de formigas pretas rastejaram para as fendas no pátio interior. Adina deixou correr água açucarada pelo tubo transparente de uma agulha circular de tricô. Pousou o tubo numa fenda. As formigas rastejaram por ele dentro, enfileirando ora de cabeça ora de barriga. Adina colou as extremidades do tubo com a chama de um fósforo e pôs o colar ao pescoço. Colocou-se diante do espelho e viu que o colar tinha vida, apesar de as formigas estarem mortas, coladas no açúcar, cada uma no lugar onde asfixiara.

Só dentro do colar, cada formiga era a olho nu um animal.

Adina ia ao barbeiro todas as semanas, porque o cabelo crescia depressa e não podia cobrir o bordo das orelhas. A caminho do barbeiro, passava pela montra com cruces, tubos de fogão de sala e regadores. O latoeiro acenava por trás do vidro, ela entrava. Ele dava-lhe um cartucho feito com papel de jornal. Tinha dentro cerejas de maio, em junho eram já damascos, no verão uvas, apesar de ainda não estarem maduras em parte alguma nos pomares. Nesse tempo, Adina pensava que o papel de jornal transformava a fruta.

Quando lhe dava o cartucho, o latoeiro dizia: come, senão apodrece. Ela comia depressa, não fosse a fruta apodrecer enquanto ele ainda pronunciava a frase. Então o latoeiro dizia: come devagar, para saboreares mais tempo cada mordida.

Ela mastigava e engolia, e observava o fogo a chamejar no soldador, o latoeiro a cobrir e encher os buracos no fundo das painelas. Os buracos cheios brilhavam como os tubos de fogão de sala, os regadores e as cruces da montra. Quando o fogo não devora a panela, é a morte que te morde o cu, dizia o latoeiro.

Uma vez, à tarde, Adina foi com o colar de formigas cortar o cabelo. Estava sentada na cadeira diante do espelho grande, a balançar as pernas. O barbeiro, que lhe penteava o cabelo da nuca, parou o pente à frente dos olhos, ou desaparecem as formigas, ou desapareces tu com elas, disse ele.

No canto, havia um homem a dormir. O gato do barbeiro estava deitado em cima das coxas dele. O homem era cadavérico e tinha todas as manhãs uma crista de galo em cima da ponte a caminho do matadouro. Acordou assarapantado e atirou o gato pela frente do espelho em direção à porta. Para animais mortos já me chegam os do matadouro, gritou ele. E cuspiu para o chão.

O chão estava coberto de cabelo aparado, cabelo de homens cadavéricos que se conheciam. Era frágil, grisalho-escuro e grisalho-claro, e branco. Era espesso como sobre um vasto couro cabeludo. Entre as mechas de cabelo rastejavam baratas. As mechas levantavam e baixavam. O cabelo tinha vida, porque as baratas se cobriam com ele. Sobre a cabeça dos homens, não tinha vida.

O barbeiro deixou cair a tesoura dentro da gaveta aberta, assim não consigo cortar o cabelo, disse ele, as formigas rastejam-me pela roupa dentro. Arrancou a camisa para fora das calças e coçou-se, deixando na barriga, ao retirar os dedos, mechas vermelhas. Praguejou contra a mãe das formigas. O do matadouro praguejou contra a mãe dos cadáveres. O espelho era de repente tão alto e a gaveta tão funda que Adina viu os seus pés pender debaixo da cadeira como se fosse de um telhado. Correu até à frente da porta, onde o gato estava deitado. O gato viu-a afastar-se, tinha três olhos.

Uma semana depois, o barbeiro deu rebuçados a Adina. Traziam cabelos pegados. Arranhavam na língua. Adina queria cuspir os cabelos e ele disse: limpam a garganta.

Os rebuçados estalejavam na boca, Adina perguntou: quando morre o homem que atirou o gato pelo ar. O barbeiro meteu à

boca uma mancha de rebuçados: quando se tiver cortado tanto cabelo de um homem que dê para encher um saco, um saco bem atafalhado. Quando o saco for tão pesado como o homem, então o homem morre. Eu meto o cabelo de todos os homens num saco até ele ficar atafalhado e cheio, disse o barbeiro. Não peso o cabelo com uma balança, peso-o com os olhos. Sei, disse ele, quanto cabelo cortei de cada um nestes anos a fio. Sinto o peso nos olhos, não é possível enganar-me. Soprou o pescoço de Adina.

O freguês que atirou o gato ainda cá vem mais sete ou oito vezes, disse ele. Foi por isso que eu não disse nada, apesar de o gato depois ter deixado de comer. Não quero empurrar um freguês de tantos anos para os últimos cortes de cabelo num outro barbeiro, enfrentando o desconhecido. Do canto da boca fugiu-lhe uma ruga que lhe golpeou a face.

Clara está de pé junto da manta e veste a blusa de verão. O dedal arde ao sol no dedo indicador. As suas pernas são ossudas, colocam-se por poucos passos no enfiamento do ventre para a prova da blusa. São os passos de uma ave ossuda, que nada mais precisa de fazer do que contemplar o verão e ser bela. O choupo, com a faca ao pé, observa. Nas axilas rapadas de Clara os pelos voltam a despontar. Debaixo dos braços, eles são já o queixo do homem de que Clara fala. Um homem com estilo, diz ela, foi coisa que ainda não encontrei. Um desejo.

Clara ri, segue as pernas como se marchasse sobre duas andas, o desejo é esquentado pelo sol e aturdido pela altura do telhado. A cabeça esquece a faca verde dos choupos, o beiral do telhado, as nuvens, a cidade. E que este telhado ao sol pulula de formigas a carregar moscas mortas. E que este telhado ao sol não é mais do que uma borda no meio do céu.

O vestido de verão com as árvores a cair e o fecho-ecler numa das faces firmaram para sempre em Adina a fobia dos vestidos. Na costureira, Adina começou a medir a vida das mulheres pelo peso dos restos de tecido. Ia lá muitas vezes e ficava sentada a observar. Assestava o obstinado olho clínico em todos os clientes. Sabia de que mulheres em breve os restos de tecido encheriam o saco, um saco cheio, atafalhado, com peso igual ao da mulher. Que a mulher do matadouro ainda precisava de quatro vestidos até morrer.

Clara tira do saco uma maçãzinha estival com manchas vermelhas e segura-a sob o queixo de Adina. O dedal cintila e risca ao de leve a casca da maçã. Uma maçã pequena com um pé comprido, muito do que ainda poderia vir a ser maçã endureceu lenhoso e cresceu no pé. Adina crava na maçã uma mordidela funda. Cospe, tem bicho, diz Clara. Um fio castanho de migalhas perfura a polpa da maçã. Adina engole o pedaço mordido e o bicho. Mas é só um bicho da maçã, diz ela, cresce dentro da maçã, é feito de polpa de maçã. Não cresce dentro da maçã, diz Clara, rasteja para dentro da maçã, atravessa-a uma vez devorando-a e sai outra vez a rastejar. Esse é o seu caminho.

Adina mastiga, os pedaços mordidos rangem-lhe no ouvido, que tem ele para fazer cá fora, diz ela, é só feito de polpa de maçã, é branco, come polpa branca e caga um caminho castanho, atravessa-a uma vez a devorá-la e morre dentro da maçã. Esse é o seu caminho.

Os olhos de Clara não estão pintados, e o céu está vazio, e as facas dos choupos erguem-se verticais e verdes. Os olhos de Clara são pequenos. As pupilas buscam abaixo das faces o caminho

Já então a raposa era o caçador

direto até à boca. Clara cala-se, deita-se na manta e fecha os olhos.

Paíra uma nuvem por cima do prédio, branca e revolta. Os velhos que morrem no verão, entre a cama e a cova, demoram-se algum tempo sobre a cidade.

Clara e o velho do verão dormem o mesmo sono. Adina sente o caminho do bicho da maçã no seu ventre. Ele percorre os pelos do púbis pelo interior da coxa em direção à dobra dos joelhos.

